

ANTA DA LAPA DA MERUJE (VOUZELA, PORTUGAL).  
RESULTADOS PRELIMINARES DOS TRABALHOS EM CURSO

*DOLMEN OF LAPA DA MERUJE (VOUZELA, PORTUGAL).  
PRELIMINARY RESULTS OF ONGOING RESEARCH*

*António Faustino Carvalho, CEAACP - Centro de Estudos de Arqueologia,  
Artes e Ciências do Património, Universidade do Algarve, FCHS, Campus de Gambelas,  
8000-117 Faro, Portugal  
afcarva@ualg.pt*

RESUMO

A anta da Lapa da Meruje foi descoberta e primeiramente sondada por A. de Amorim Girão em 1917, tendo sido dada a conhecer na sua obra de 1921, “Antiguidades pré-históricas de Lafões”, e desde aí citada por outros investigadores que se dedicaram ao estudo do megalitismo beirão. A sua escavação foi retomada em 2016 tendo por fim uma caracterização arqueológica mais aprofundada e a sua futura valorização *in situ* para usufruto público.

Trata-se de um dólmen de grandes dimensões, com câmara e corredor diferenciáveis em planta e alçado. A câmara, de sete esteios, tem 3x3 metros e o corredor atinge 9 metros de comprimento. Dispõe ainda de um átrio, que terá sido deliberadamente colmado aquando do encerramento do dólmen. A mamoa, com um diâmetro de 32 metros e uma espessura máxima de 2 metros, conserva uma carapaça pétreia na maior parte da sua extensão. O topo do chapéu apresenta gravuras modernas (cavinhas e um “jogo do alquerque”) e a face interna dos esteios da câmara e do corredor têm gravuras pré-históricas esquemáticas, para além de uma custódia feita em época muito recente (século XX).

Na linha da escassez de espólio que caracteriza o megalitismo lafonense, a primeira utilização da anta está representada principalmente por geométricos em sílex. Alguma cerâmica, pedra polida e grandes lâminas de sílex pertencem a ocupações mais tardias. Estes dois conjuntos artefactuais sugerem que a construção do dólmen ocorreu no IV milénio AC (Neolítico Médio) e que o seu encerramento terá tido lugar entre finais do IV / inícios do III milénio AC (Neolítico Final / Calcolítico). Sob a mamoa identificou-se um nível formado por talhe da pedra, cerâmica lisa e abundantes carvões, cujo estatuto (ritual prévio à construção? nível de ocupação anterior?) está por definir cabalmente. Outros achados indicam reutilizações proto-históricas, medievais e contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: Megalitismo; Lafões; Neolítico

## ABSTRACT

*The dolmen of Lapa da Meruje was discovered and first tested by A. de Amorim Girão in 1917, having been made known in his work of 1921, “Antiguidades Pré-históricas de Lafões” (“Prehistoric Antiquities of Lafões”), and since then cited by other researchers working in the region. Its excavation was resumed in 2016 aiming at a comprehensive archaeological characterization of the site for future restoration and in situ opening to the public.*

*This is a large dolmen, with chamber and passage, which are differentiated in both plan and profile. The chamber, with seven orthostats, has an area of 3X3 metres and the passage is around nine metres long. There is also a vestibule that was deliberately infilled when the dolmen was closed. The mound is 35 metres in diameter and has a preserved height of two metres. A stone cairn is still very well preserved in most of the mound’s area. On top of the capstone there is a set of modern engravings (cupmarks and a traditional game known as “alquerque”); in the orthostats of the chamber and passage there are also schematic prehistoric engravings, besides a very recent (20th century) depiction of a Christian cross. In line with the scarcity of grave goods that characterises the Lafões megalithism, the first funerary occupation recorded at Lapa da Meruje is mainly represented by flint geometrics. A few potsherds, polished stone tools and large flint blades belong to later occupations. Together, both assemblages suggest the beginning of the fourth millennium BC (Middle Neolithic) as the dolmen’s construction date and its closure in the late 4th / early 3rd millennium BC (Late Neolithic / Chalcolithic). An archaeological level formed by knapped stone, plain pottery and abundant charcoal was found below the mound; its status (a ritual related to the building of the monument? an older occupation?) is still be fully understood. Other finds indicate Protohistoric, Medieval and contemporary re-uses of the dolmen.*

*KEY WORDS: Megalithism; Lafões; Neolithic*

## 1. INTRODUÇÃO

Por solicitação da Câmara Municipal de Vouzela, teve início em 2016 um projeto de estudo intitulado “Estudo do património histórico-cultural de Vouzela”. Com conclusão prevista para 2019, o seu âmbito e principais objetivos foram já entretanto tornados públicos. Como explicitamente afirmado, “[o] conjunto de dados assim reunidos constituirá a base sobre a qual se procederá, com a conclusão do presente projeto, à elaboração de um programa que vise, através de diversas valências e ações a definir nesse momento, a valorização deste património e a definição de estratégias para o seu usufruto público” (Real et al., 2017, p. 116). Assim, o projeto encon-



Figura 1. Localização da anta da Lapa da Meruje no território português.

tra-se estruturado em quatro eixos de investigação principais: levantamento documental; prospeção arqueológica; estudo de espólios de escavações antigas; e escavação de sítios selecionados — isto é, escavações dirigidas a locais de potencial museológico tendo em vista a sua futura valorização e disponibilização ao público. É neste quadro que têm tido lugar os trabalhos de escavação na anta da Lapa da Meruje, localizada neste município (Fig. 1), os quais se iniciaram logo no primeiro ano de funcionamento do projeto. A seleção deste sítio como exemplo dos vários monumentos megalíticos existentes no município não foi casual. Com efeito, a sua localização a 925 m de altitude, no ambiente paisagístico belíssimo proporcionado por uma depressão situada na vertente noroeste da Serra do Caramulo, adjacente a uma lagoa artificial, onde se dispõe já de diversas infraestruturas de apoio construídas pela autarquia na década de 1990 (acessos para automóveis, área de estacionamento, delimitação física do sítio e um passadiço de madeira em torno da mamao), foram critérios que pesaram bastante nessa escolha (Fig. 2A). Para além disso, e num critério mais estritamente científico, o bom estado de conservação da arquitetura do monumento fazia também antever um potencial arqueológico significativo por forma a providenciar, não só conteúdos concretos para a sua integração num roteiro patrimonial megalítico concelhio (com data de inauguração prevista para 2018), como também contribuir para uma recuperação do megalitismo lafonense e sua integração no contexto regional mais alargado da Beira Alta (Carvalho e Carvalho, 2018).

O objetivo do presente texto é, assim, a apresentação sumária dos objetivos que presidiram às campanhas de escavação de 2016-2018 na Lapa da Meruje, e dos principais resultados que se obtiveram. O ano de 2019 reserva-se para a completação pontual dos trabalhos de campo (p. ex., decalque de gravuras). Os estudos finais compreenderão a interpretação da sua localização geográfica e estruturas arquitetónicas, das suas diversas componentes artefactuais e elementos paleoambientais, e respetiva integração regional. Estes tópicos de estudo, de carácter interdisciplinar, encontram-se neste momento em curso.

## **2. A ANTA DA LAPA DA MERUJE**

### **2.1. Descoberta e primeiros trabalhos**

A anta da Lapa da Meruje foi noticiada pela primeira vez nas “Antiguidades pré-históricas de Lafões”, por A. de Amorim Girão [1895–1960], onde este autor a descreve do seguinte modo:

*“Subindo ao alto da serra, em direcção a Vermilhas (Vouzela), encontraremos uma*

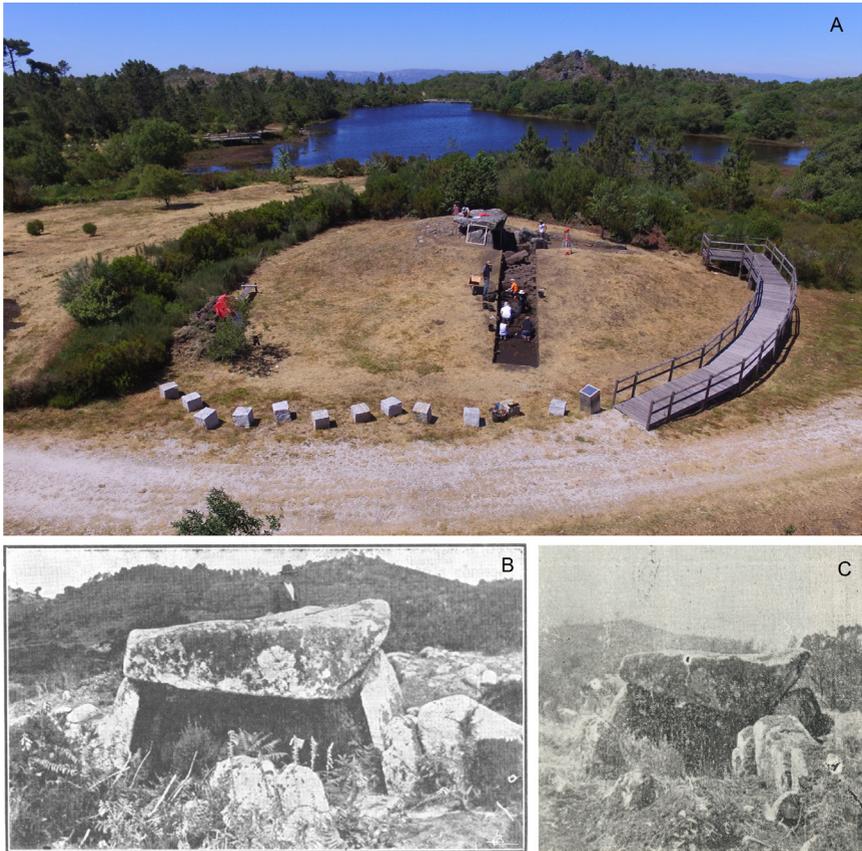


Figura 2. A - Vista aérea da escavação, a partir de Sul, durante a campanha 2016. B - Vista da câmara e corredor a partir de Nascente, segundo A. de Amorim Girão (1921). C - Fotografia publicada por C. Moreira de Figueiredo (1953).

nova anta no sítio denominado Meruje. Esta anta, vulgarmente conhecida pela designação de Lapa da Meruje, é um soberbo exemplar, sobretudo pelas dimensões da tampa que mede 3,20 m. de comprimento por 2,80 m. de largura, sendo sustentada por seis esteios monolíticos de cerca de 3 m. de altura, tendo a mamoia 10 m. de raio aproximadamente [...]. A situação dêste monumento mesmo no centro duma bacia de fundo pouco deprimido, onde a mamoia coberta de mato sobressai rodeada por uma grinalda de pequenas elevações, em que o granito assume por vezes formas muito caprichosas, é das mais interessantes que conhecemos. A anta encontra-se ainda bem conservada, apesar de terem sido desviadas várias

*pedras da galeria e de apresentar evidentes sinais de violação no recinto da câmara sepulcral. Uma ligeira escavação que fizemos nesta última parte do megalito nada produziu digno de menção*” (Girão, 1921, p. 47).

Conquanto não se encontre explicitado, deduz-se do prólogo daquela obra que os trabalhos de escavação (“uma ligeira pesquisa”, como referido na p. VII) terão tido lugar a 29 de março de 1917. Esta sondagem terá sido precedida de uma “exploração”, que se deduz ter sido apenas de reconhecimento, em data incerta mas no decorrer do ano de 1916. Amorim Girão refere também que o dólmen havia sido anteriormente “[...] visitado pelo sábio botânico Sr. Dr. Júlio Henriques” (p. VI), mas não refere no entanto onde, ou como, obteve esta informação. O facto de nesta obra haver outras referências a este investigador, e mesmo fotografias da sua autoria, sugere uma proximidade entre estes professores conimbricenses que explicará algum tipo de colaboração entre ambos. É também aqui que se publica a primeira fotografia conhecida desta anta (Fig. 2B).

A partir deste trabalho pioneiro, a Lapa da Meruje constará depois em diversas outras sínteses sobre o megalitismo regional (Moita, 1966; Leisner, 1998), sobre o património de Vouzela (Marques, 1999, 2014), ou mesmo a propósito de outras temáticas. É o caso do ensaio de Moreira de Figueiredo (1953) sobre as vias romanas da região, que a ilustra com a segunda fotografia mais antiga que se lhe conhece (Fig. 2C). Note-se, a este propósito, que o inventário descritivo de *“Die megalithgräber der Iberischen Halbinsel”* (Leisner, 1998, p. 68 e taf. 59) refere erradamente esta anta como pertencente ao concelho de Tondela, um lapso que terá induzido em erro autores posteriores — p. ex., não figura na síntese de Cardoso (1999) sobre o megalitismo vouzelense — mas que se explica pela sua localização a menos de um quilómetro das extremas de ambos os municípios, o que terá propiciado esta confusão.

## **2.2. Os trabalhos de 2016-2018**

Enquadrados pelos objetivos-base do projeto de investigação — que, recorde-se, se constitui como etapa de estudo prévia à valorização e musealização do património histórico vouzelense —, os trabalhos mais recentes na Lapa da Meruje obedeceram a uma estratégia de intervenção deliberadamente subordinada a opções de preservação in situ de elementos arquitetónicos com potencial de valorização no futuro. Tratou-se, assim, de uma intervenção minimalista, com objetivos muito específicos direcionados para os diversos espaços do monumento, a saber:

1. Escavação da câmara do dólmen, através da realização de um corte, para a realocação da sondagem de 1917, avaliar o impacto de violações que

possam ter ocorrido no passado, e identificar a eventual presença de grafismos pré-históricos nos esteios.

2. Escavação do corredor, conectando-se assim a área da câmara ao exterior do monumento, de modo a documentar este setor do monumento e permitir, depois, o acesso dos visitantes às próprias áreas de circulação originais (leia-se, neolíticas) do mesmo.

3. Escavação do átrio tendo em vista a documentação desta realidade arquitetónica (cuja existência se presumia desde o início dos trabalhos, dada a depressão na topografia da mamoa que se observava neste sector) e a criação futura de um espaço de acesso ao interior do monumento.

4. Abertura de uma sanja de orientação Norte-Sul, na metade Sul da mamoa, para registo das respetivas sequências estratigráficas e construtivas, e averiguação da existência de ocupações anteriores à sua construção. A não intervenção noutros quadrantes da mamoa deveu-se às referidas contingências autoimpostas para a conservação de elementos arquitetónicos originais do monumento.

Após os trabalhos de escavação realizados, pode-se hoje descrever com maior rigor as características arquitetónicas deste monumento. A Lapa da Meruje é, pois, um dólmen de grandes dimensões cuja câmara e corredor se distinguem tanto em planta como em alçado (Fig. 2A). A câmara é formada por sete esteios e mede cerca de 3×3 m de área, enquanto o corredor, irregular e ligeiramente desviado para nordeste, tem 8-9 m de comprimento. Apenas na câmara se preserva ainda uma laje de cobertura, de contorno trapezoidal, com cerca de 6×6 m, e uma espessura variando entre 30 e 50 cm. Há a registar a existência de gravuras nos esteios da câmara e corredor, de tipologia claramente pré-histórica ou que se encontravam totalmente cobertas por sedimentos até à sua escavação — báculo, lúnula, covinhas e signos de tendência pectiforme — que estão presentemente em curso de levantamento e estudo. Junto a esta arte megalítica há ainda a representação de uma custódia na câmara, que de acordo com informações orais terá ter sido realizada na segunda metade do século XX, enquanto que no topo do chapéu se encontra um numeroso conjunto de grafismos de época histórica, que inclui covinhas, cruces e um tabuleiro de “jogo do alquerque”, não referenciados até ao momento em qualquer publicação acerca deste sítio.

### **2.2.1. Câmara**

As escavações realizadas em 2016-2017 na câmara, que atingiram a sua base, permitiram identificar uma depressão oval preenchida com sedimentos muito finos e pulverulentos, soltos, com ocasionais blocos de granito, e quase sem materiais arqueológicos, que deverá corresponder à sondagem

aberta por Amorim Girão em 1917. Abaixo desta unidade desenvolvem-se níveis de remeximentos mais antigos, que incorporam diversos fragmentos de cerâmica medieval (atribuível ao século XII), o que permitiu concluir que a câmara terá sido esvaziada do seu conteúdo pré-histórico original muito provavelmente durante a Idade Média. Por seu lado, a escavação junto à face interna de um dos esteios não revelou quaisquer pinturas. Este facto, aliado às observações anteriores quanto reutilização do dólmen em épocas pós-neolíticas, sugere que, a terem existido pinturas, estas não terão sobrevivido aos episódios de reutilização deste espaço; apenas as gravuras se conservaram até hoje.

Para além da cerâmica medieval, foi possível recolher também geométricos em sílex (trapézios e crescentes sobre lâmina) nos sedimentos remexidos da câmara, os quais se constituem como testemunhos da fase de construção e primeira utilização do monumento. Com a mesma proveniência há ainda cerâmica decorada de cronologia calcolítica (triângulos preenchidos a pontilhado) e um elemento de xorca de “tipo sanguessuga” em bronze, datável do final da Idade do Bronze. Este conjunto de achados — a que se devem adicionar as gravuras modernas e as tradições orais que estão associadas à anta — evidencia o papel que este monumento nunca deixou de desempenhar na paisagem para as sucessivas comunidades que a percorreram ou exploraram.

Note-se que, por razões que se prendem com a estabilidade da câmara e a segurança da equipa, não foi escavado o depósito sedimentar que se encontra sob o pesado chapéu que muito singularmente caracteriza a Lapa da Meruje (Fig. 2A) — e de onde lhe advirá certamente o nome. A futura escavação deste depósito poderá vir a proporcionar observações que consubstanciem de forma mais robusta as ideias já adquiridas acerca dos processos de formação deste sector do monumento.

### **2.2.2. Corredor**

O corredor da Lapa da Meruje é formado por nove esteios na sua parte norte e dez na sua parte sul, perfazendo um comprimento total aproximado de nove metros (Fig. 3A). Em planta, pode observar-se que os esteios que fazem a ligação com a câmara estão dispostos de modo a conformar um estrangulamento; depois, afunila ligeiramente na direção da entrada (de 1,8 m para 1,2 m), onde os esteios aí existentes definem um outro estrangulamento (de cerca de 0,8 m de largura ao longo de um troço de 1,5 m).

A escavação do corredor, que teve lugar em 2018, revelou que o seu sector mais próximo da câmara se encontrava igualmente violado pela ocupação medieval do monumento. A separação entre a parte reocupada na Idade



*Figura 3. A - Vista geral do átrio e corredor, após a sua escavação em 2018. B - Vista geral do átrio e da entrada, onde se pode observar, em primeiro plano, parte do lajeado original do átrio e, do lado esquerdo, um esteio que formaria a fachada deste espaço (o esteio do lado oposto terá sido arrancado em data indeterminada).*

Média e a parte conservada do corredor estava claramente definida por uma acumulação caótica de blocos graníticos. Na parte conservada, o topo do depósito apresentava-se quase estéril em termos arqueológicos, o que atesta o estado intocado da sua parte inferior. E aqui, com efeito, encontrou-se um pequeno mas significativo conjunto artefactual formado por cerâmica (pelo menos um vaso liso quase inteiro) e uma enxó em pedra polida, ao nível da base. Esta última peça, em particular, estava colocada num interstício entre dois esteios, do lado norte do corredor e junto à entrada, sugerindo tratar-se de uma deposição intencional. A proximidade espacial entre os diversos fragmentos de cerâmica, alguns dos quais ainda em conexão, sugere o mesmo comportamento no que respeita a esta classe artefactual. O pequeno número de artefactos recuperados no corredor não permite uma atribuição cronológico-cultural fina, mas a presença de cerâmica indica que se tratarão de deposições posteriores ao momento de construção e primeiro uso do monumento.

### **2.2.3. Átrio**

A escavação da área em frente da entrada do corredor, que se desenrolou em 2017-2018, veio comprovar que, de facto, a depressão que se observava na mamoa correspondia a um sector que estaria originalmente ao ar livre. De facto, foi possível documentar aqui a existência de um átrio, originalmente lajeado com grandes blocos graníticos, que conformaria um espaço exterior adjacente à entrada do monumento. A entrada do corredor



*Figura 4. Vista do corte nascente da sanja, nos trabalhos de 2016. Note-se a acumulação de blocos correspondente ao preenchimento do contraforte, delimitado por dois grandes blocos (na parte mais profunda da sanja), e o nível superior de blocos que cobre toda a estrutura e se prolonga até ao limite inferior da mamoa*

estaria assim ladeada, do seu lado exterior, por esteios dispostos de forma perpendicular ao mesmo, resultando numa autêntica fachada que delimitava o átrio pelo menos na sua parte poente (Fig. 3A e B).

Porém, todo este espaço exterior seria colmatado em data posterior. A sua escavação permitiu verificar que parte do lajeado foi levantada, principalmente na sua periferia, e que o átrio foi depois preenchido com uma camada de terra e blocos de médias dimensões, sobre a qual se colocou uma capaça pétreo rematada com um nível de clastos de pequenas dimensões bem acamados e imbrincados. Trata-se, portanto, da selagem intencional do monumento ou, em suma, da construção de uma “estrutura de condenação” equiparável a outras já identificadas em monumentos megalíticos da Beira Alta. Está por esclarecer a cronologia (coevo do lajeado ou da “estrutura de condenação”?) e funcionalidade de um murete circular que delimita o átrio pelo exterior.

As componentes artefactuais associadas a esta “estrutura de condenação”, porém, são muito escassas, o que limita inferências acerca da cronologia

deste evento de encerramento definitivo do dólmen. A presença de restos de cerâmica e de lâminas robustas de sílex sugere que esta colmatação terá ocorrido no Neolítico Final ou, o mais tardar, já em época calcolítica.

#### **2.2.4. Mamoa**

No contacto entre a base da mamoa e o paleossolo foi identificado um delgado (<10 cm) nível arqueológico formado por cerâmica lisa associada a uma indústria de lascas (sobretudo em quartzo) de boa fatura. A inexistência de outros elementos impede a determinação de uma cronologia fina (que será no entanto neolítica) e a interpretação das atividades que lhe terão dado origem (contexto habitacional? práticas rituais prévias à construção do monumento?). A identificação de troços muito bem conservados da couraça pétreia em quadrados adjacentes à sanja inicial (ver abaixo) impediu, por razões de conservação, a sua escavação até à base e, deste modo, a documentação de uma área maior deste nível pré-megalítico. O interior do setor escavado da mamoa, por seu lado, revelou duas importantes componentes da arquitetura da mamoa:

- Um contraforte com uma largura de cerca de 6,5 m, composto por uma densa acumulação de blocos de dimensões médias (40-50 cm), embalados em sedimentos arenoargilosos de colorações negras (Fig. 4), e contidos no seu limite externo pela colocação de grandes blocos (>1 m), de formato lajiforme, que formam um anel lítico de contenção do contraforte (Figs. 4 e 5).
- Uma couraça pétreia, com 30-40 cm de espessura, mas que se vai adelgaçando à medida que se aproxima do exterior da mamoa (Figs. 4 e 5). Tratar-se-á da base conservada e compactada da couraça original, uma vez que o topo desta estrutura se encontra hoje pelo menos meio metro abaixo da cota de topo do chapéu da câmara. É formada por blocos graníticos de dimensões pequenas a médias (10-50 cm) e sedimentos iguais aos do contraforte. Junto ao seu rebordo exterior, há um alinhamento de lajes colocados na vertical (Fig. 5), que a delimitava provavelmente em todo o perímetro. Uma vez que os objetivos da escavação estavam determinados pela sua valorização posterior, optou-se por não sacrificar, através de escavação, este elemento arquitetónico ilustrativo das técnicas e opções construtivas do monumento em época neolítica.

A localização da sanja para escavação da mamoa visou averiguar uma depressão existente na sua superfície. A escavação revelou, com efeito, que a couraça se encontrava parcialmente destruída na sua metade superior pela extração de pedra em época moderna para construção dos muros de divisão de propriedade que se encontram em torno do monumento.

### **3. CONCLUSÕES: A LAPA DA MERUJE E O MEGALITISMO DE LAFÕES**

Uma das últimas sínteses sobre o megalitismo vouzelense destacava uma tendência de acordo com a qual os dólmenes deste município se localizarão por norma em plataformas ou rechãs, “[...] implantando-se frequentemente em pequenos cômodos deles destacados. Torna-se deste modo evidente que os monumentos não se distribuem no terreno de forma aleatória. [...] Quanto à micro-distribuição dos monumentos, é frequente observarem-se núcleos de dois ou três monumentos, a curta distância entre si, sendo mutuamente intervisíveis, configurando a situação de verdadeiras necrópoles megalíticas [...]” (Cardoso, 1999, p. 192). Nos seus traços essenciais, esta observação foi corroborada pelos resultados das prospeções de 2017-2018 (Carvalho e Carvalho, 2018), em particular no que respeita à dupla circunstância de se acharem dólmenes isolados ou agrupados em pequenas necrópoles de dois a três *tumuli*. A Lapa da Meruje é, assim, um testemunho da primeira destas realidades e encontra paralelo noutros dólmenes vouzelenses, tais como Adside (Campia) ou Cabo das Moutas (Alcofra).

No estado atual dos estudos megalíticos da região de Lafões é ainda difícil propor cenários explicativos sólidos para a referida dicotomia, ou mesmo para os padrões gerais de implantação destes monumentos. Tal como se têm vindo a reconhecer no caso de Vouzela (Carvalho e Carvalho, 2018), estes monumentos localizam-se sempre em ambiente de montanha — seja em planaltos, rechãs ou pequenos vales elevados — e muitas vezes junto a nascentes ou áreas alagadiças. Ou seja, neste caso, a Serra do Caramulo e as terras altas adjacentes reúnem a quase totalidade dos dólmenes já registados. O desconhecimento dos respetivos contextos habitacionais, que poderão talvez estar soterrados nos depósitos sedimentares dos fundos dos vales, é uma limitação severa no conhecimento dos modelos gerais de ocupação do território. Portanto, o papel desempenhado pela Lapa da Meruje nos momentos iniciais da ocupação megalítica daquela serra — isto é, nos primeiros séculos do IV milénio a.C., correspondentes ao Neolítico Médio — é ainda difícil de avaliar. É certo que, de um modo geral, a topografia e as condições edáficas deste maciço não são de molde a favorecer uma presença neolítica de caráter permanente nos seus setores mais elevados.

A informação disponível para a Serra da Estrela, onde a investigação tem sido mais sistemática, pode constituir-se como analogia para o caso do Caramulo. Ali, a compartimentação altitudinal das culturas tradicionais estabelece os 800 m a.n.m. como o limite superior do cultivo do trigo (Ribeiro e Santos, 1951) e talvez os 1500 m para a cevada (sujeito a confirmação). Isto significará que, em época neolítica, apenas o pastoreio teria sido viável



*Figura 5. Vista da escavação da sanja em 2017. No lado esquerdo, sobre o substrato granítico, veem-se os dois blocos que fazem parte do anel lítico do contraforte; no lado direito, vê-se a couraça pétreo conservada, na parte inferior da qual existe um alinhamento de lajes originalmente colocadas na vertical (para sustentação da couraça?)*

nas áreas planálticas superiores. Porém, foi recentemente avançado um modelo segundo o qual o pastoreio se teria então confinado às terras baixas (< 600 m), em torno do sopé da serra (Carvalho *et al.*, 2017). Este pastoreio seria levado a cabo no quadro geral de uma mobilidade humana de tipo residencial, associado à agricultura, nos territórios abaixo dos 600 m pontuado por monumentos dolménicos. Portanto, ao invés do defendido por outros autores, este modelo de pastorícia não defende a existência de práticas transumantes.

Este sistema de povoamento pode ser provisoriamente extrapolado para a Serra do Caramulo, embora este exercício deva futuramente atender também aos particularismos bioclimáticos deste território no Holoceno Médio. Deste quadro comparativo parecem poder resultar dois modelos alternativos para a ocupação das suas rechãs e planaltos da faixa dos 800-1050 m, onde se localizam diversas necrópoles dolménicas (a própria Lapa da Meruje está a 925 m de altitude): um, em que a atividade económica assentaria em exclusividade no pastoreio; outro, em que a esta prática se associaria uma agricultura especializada na cevada. Claramente, a segunda possibilidade parece menos verosímil, uma vez que as práticas agrícolas já documentadas para o Neolítico Antigo e Médio do atual território português parecem assentar numa agricultura mista, com trigos e cevadas e uma importante componente de leguminosas (para uma síntese atualizada, ver Carvalho, 2018). Assim, a não ser que se equacione a possibilidade alternativa de estarmos unicamente perante uma “paisagem ritual”, os setores mais elevados do Caramulo seriam, não propriamente ocupados, mas sim *frequentados* no quadro de um regime de pastoreio itinerante de pequena ou média escala.

No sentido desta hipótese de trabalho, os diversos dólmenes, assim como os “afloramentos monumentalizados” do Vale d’Anta e da Malhada do Cambarinho (Carvalho e Carvalho, 2018), poderão estar a marcar simultaneamente uma apropriação simbólica (funerária e ritual) deste território e os caminhos percorridos pelos pastores neolíticos e seus rebanhos. Este papel duplo dos monumentos megalíticos do Caramulo e, por extensão, também de toda a região de Lafões, terá de ser avaliado no prosseguimento da investigação. Para já, o ambiente natural em que se insere a Lapa da Meruje, junto a um acesso natural aos planaltos mais elevados da serra, e as características da sua arquitetura, designadamente a existência de um átrio exterior consignado a rituais hoje impossíveis de recuperar totalmente, são elementos que parecem ilustrar bem aquele duplo caráter de que se terá revestido o megalitismo deste antigo território.

## AGRADECIMENTOS

A imagem aérea com drone da Figura 2A foi obtida por Júlio Rocha, e a vista geral do corredor e átrio reproduzida na Figura 3A é da autoria de João Rocha. Agradece-se à Câmara Municipal de Vouzela a disponibilização do apoio logístico necessário para os trabalhos na Lapa da Meruje e, em particular, a prestimosa colaboração de Luís André Pereira e Daniel Melo Branco.

## BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J.L. (1999) - *Monumentos megalíticos do concelho de Vouzela. Vouzela: Estudos Históricos. Lisboa: Academia Portuguesa da História*, p. 169-208.
- CARVALHO, A.F. (2018) - *When the Mediterranean met the Atlantic. A socio-economic view on Early Neolithic communities in central-southern Portugal. Quaternary International*. 470, p. 472-484. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.quaint.2016.12.045>.
- CARVALHO, A.F.; PEREIRA, V.; DUARTE, C.; TENTE, C. (2017) - *Neolithic archaeology at the Penedo dos Mouros Rock-shelter (Gouveia, Portugal) and the issue of primitive transhumance practices in the Estrela mountain range. Zephyrus*. LXXIX, p. 19-38. DOI: <https://doi.org/10.14201/zephyrus2017791938>.
- CARVALHO, P.S.; CARVALHO, A.F. (2018) - *Para uma recuperação do megalitismo de Lafões (Viseu, Portugal). O concelho de Vouzela enquanto case-study. In SENNA-MARTÍNEZ, J.C.; DINIZ, M.; CARVALHO, A.F. eds. - De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular. Nelas: Fundação Lapa do Lobo; neste volume.*
- FIGUEIREDO, C.J.M. (1953) - *Subsídios para o estudo da viação romanas das Beiras. Beira Alta*. 12:2-3, p. 153-208.
- GIRÃO, A.A. (1921) - *Antiguidades pré-históricas de Lafões. Contribuição para o estudo da arqueologia portuguesa. Coimbra: Imprensa da Universidade.*
- LEISNER, V. (1998) - *Die megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Die Westen. Berlin: Walter de Gruyter.*
- MARQUES, J.A.M. (1999) - *Carta Arqueológica do Concelho de Vouzela. Vouzela: Câmara Municipal de Vouzela.*
- MARQUES, J.A.M. (2014) - *Lafões. História e Património. Viseu: Edições Esgotadas.*
- MOITA, I.N. (1966) - *Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta. Ethnos*. V, p. 189-297.
- REAL, M.L.; CARVALHO, A.F.; TENTE, C. (2017) - *Projeto de estudo do património histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu): objetivos e primeiros resultados. II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Arqueologia em Portugal. 2017 - Estado da questão. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 113-123.*
- RIBEIRO, O.; SANTOS, M.A.P. (1951) - *Montanhas pastoris de Portugal. Tentativa de representação cartográfica. Compte Rendu du XVIe Congrès International de Géographie. Travaux de la Section IV, vol. III. Lisboa: Union Géographique Internationale, p. 59-69.*

